

A Senhora D. Stephania, rainha de Portugal.—Gravura de Coelho.

A casa soberana e catholica de Hohenzollern é uma das mais antigas da velha Allemanha. Auctorisados escriptores affirmam que teve principio no seculo VIII em Tassillon, duque de Baviera; ainda quando, porém, se não admitta esta opinião, é fóra de duvida que ella, pelo menos, remonta ao seculo X. O nome de Hohenzollern provém de um castello situado sobre o Zollernberg, e construido no seculo X por um conde de Zollern.

Rodolpho II, descendente d'esse conde, e que vivia no XII seculo, teve dois filhos, Frederico e Conrado, os quaes foram chefes das duas linhas principaes, a *linha de Suabia*, que conservou a denominação de Hohenzollern, e a *linha de Franconia*, na qual foram escolhidos em 1417 os eleitores de Brandeburgo, depois reis da Prussia.

Eitel Frederico II, que nasceu proximamente a 1545, morrendo em 1605, foi o chefe do ramo mais velho, que tomou o nome de *Hohenzollern-Hechingen*, do castello de Hechingen, que aquelle principe mandára edificar; e Carlos II, segundo filho de Carlos I, que nasceu em 1547, e falleceu em 1606, foi o chefe do segundo ramo, o de *Hohenzollern-Sigmaringen*. Á linha de Franconia estão ligadas, além dos eleitores de Brandeburgo, que constituem o ramo eleitoral, as duas familias dos margraves de Bayreuth e de Anspach.

Os estados de Hohenzollern-Hechingen e Hohenzollern-Sigmaringen foram encorporados nos da monarchia prussiana, por acto de cessão e abdicação dos respectivos principes soberanos, datado de 7 de dezembro de 1849, a favor do rei da Prussia, que é hoje o chefe e representante d'esta casa.

Foi na nobilissima familia de Hohenzollern que o

senhor D. Pedro v, nosso esperançoso monarcha, escolheu para esposa a augusta princeza, cujo retrato offerecemos hoje aos leitores do *Archivo Pittoresco*, e que já é rainha de Portugal, desde as duas horas e meia da tarde do dia 29 d'abril, findo, em que por procuração se recebeu em Berlim.

Não é a primeira vez que os soberanos portuguezes buscam estreitar similhantes relações com a casa de Hohenzollern, porque já o senhor D. Pedro II teve por segunda mulher uma princeza d'esta familia, a senhora D. Maria Sophia Isabel, filha do eleitor Filippe Guilherme, principe de Neuburgo e conde palatino, celebrando-se o contrato respectivo em Manheim aos 22 de maio de 1687, e sendo seu negociador o conde de Villar-Maior.

Chegado á maioridade o senhor D. Pedro v, pensou-se desde logo em segurar a successão á corôa; todavia a escolha do nosso augusto monarcha ainda não estava fixada, e sómente em sessão do corpo legislativo de 8 de junho de 1857 é que o senhor marquez de Loulé, presidente do conselho de ministros, communicou officialmente a resolução em que sua magestade estava de effetuar o seu feliz consorcio: na mesma sessão foi apresentada a competente proposta, fixando em 60:000$000 réis a dotação da futura rainha, e destinando a quantia de 100:000$000 réis para satisfação das despezas necessarias á realisação d'este importante negocio, a qual proposta, unanimemente votada, foi confirmada por carta de lei de 20 do mesmo mez. O contrato matrimonial tem a data de 8 de dezembro de 1857, e foi assignado em Berlim, sendo negociador por parte de Portugal o senhor conde de Lavradio, ministro plenipotenciario junto de sua magestede britannica, e embaixador extraordinario á corte da Prussia.

A senhora D. Stephania Frederica Guilhermina Antonia é segunda filha do principe Carlos Antonio, e da princeza Josefina Frederica, filha do defuncto grão-duque de Baden Carlos Luiz, e nasceu a 15 de julho de 1837.

Dizer que a actual rainha de Portugal é um composto dos mais eminentes dotes de coração e do espirito, é repetir uma cousa que todos sabem: mas o que muitos ignoram é que a augusta senhora já se ufana com as nossas glorias, conhece perfeitamente as nossas tradições, folga com os nossos progressos, e comprehende e falla a formosa e opulenta lingua de Camões, de Vieira, de Fr. Luiz de Sousa e de Garrett, prezando-a mais do que muitos que em Portugal nasceram e de portuguezes se deviam honrar.

Assim, ainda não pisou terras da velha Lusitania, e já todos os portuguezes amâmos e venerâmos a augusta princeza. É que a fama tem trazido até este remoto canto do occidente o perfume das suas egregias virtudes; é que o bom e leal povo d'esta briosa nação exulta justamente com o regio consorcio, porque vê n'elle um penhor de felicidade para o nosso joven e illustrado soberano, e mais uma garantia de estabilidade para o principio monarchico e para a dynastia reinante.

Lisboa, a famosa cidade que o marquez de Pombal levantou das ruinas, veste-se de custosas galas; armam-se pomposos arcos triumphaes, elegantes pavilhões, e vastas tribunas; alindam-se os estabelecimentos publicos, e as habitações communs; preparam-se apparatosas illuminações e outros divertimentos populares; já nos theatros se ensaiam as peças com que se ha de celebrar o faustissimo successo; as associações philantropicas e operarias meditam o meio de o solemnisar de um modo digno d'ellas e dos seus fins humanitarios; movem-se de diversos pontos do reino as tropas que, com a guarnição permanente, hão de concorrer para maior brilhantismo dos festejos reaes; e até a marinha de guerra, moribunda quasi e esquecida, apesar de representar as mais honrosas tradições patrioticas, offerece uma animação que não tinha ha muito; e a nossa ultima nau, decorada com o nome de um dos maiores homens que tem creado esta terra, essa nau que, despida dos naturaes atavios, se revia triste, nas aguas do Tejo, como que pranteando um passado de grandeza e de poderio, surge donosa no amplo e magestoso porto, erguendo para o ceo a altiva mastreação, e parecendo assim apontar áquella arma, tão injusta e cruelmente desconsiderada, um futuro mais auspicioso.

E não só nas regiões officiaes se nota actividade e diligencia nos preparativos para a recepção da augusta rainha de Portugal. Ricos e pobres, grandes e pequenos mostram-se unanimes no desejo de manifestar a sua alegria e enthusiasmo por esta occasião. É que o povo tem a consciencia de que a augusta princeza é digna dos altos destinos que lhe estão reservados, que gozaram tão virtuosas e excelsas rainhas, sentando-se no throno ao lado do soberano que faz o nosso orgulho. Deus ha de abençoar esta união, permittindo que as fagueiras esperanças que ella promette, se realisem todas.

P.

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA

(ELPINO NONACRIENSE).

I.

Mais ou menos arredados da verdade tem andado até agora os poucos que, de proposito ou incidentemente, cuidaram de transmittir-nos algumas noções ou promenores biographicos ácerca do Pindaro portuguez, na parte que diz respeito á sua naturalidade e nascimento. Assim, o auctor de uma curtissima noticia (¹) inserta no *Diario do Povo*, jornal politico, n.º 19 de 4 de dezembro de 1835, e depois textualmente reproduzida no *Mosaico*, 1839, n.º 5, entre as inexactidões de que é tecida, dá como certo e assentado que Diniz nascera em Castello de Vide no anno de 1730. José Maria da Costa e Silva n'um esboço biographico-critico, que publicou (anonymo) no *Ramalhete*, vol. III, pag. 348, o faz natural da cidade d'Elvas. O bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, na sua *Memoria* ácerca de Luiz de Camões, inserta pela primeira vez nas da academia real das sciencias, tomo VII, parte I, fallando em uma nota de Antonio Diniz, põe o seu nascimento em 1732. O academico Francisco Manoel Trigoso, na *Memoria* sobre o estabelecimento da Arcadia, sendo o que por mais bem informado, menos claudicou no pouco que nos diz da vida do poeta em uma brevissima nota, acertando no dia e mez do nascimento, enganou-se todavia quanto ao anno, pois affirma que elle nascera em 1732. Finalmente, ainda no *Dictionnaire général de Biographie et d'Histoire* de mrs. Dezobry et Bachelet, impresso em 1857, tomo I, pag. 801, acabâmos de ler que Deniz nascera no Alemtejo em 1730!

Todas estas erradas asserções caducam completamente perante o assento do baptismo do poeta, que existe no livro IX da freguezia de Santa Catharina do Monte Sinay, d'esta cidade, a fol. 292. D'elle consta com indubitavel certeza, que Antonio Diniz da Cruz nascera em Lisboa a 4 de julho de 1731, e que fôra baptizado a 23 do dito mez, sendo filho do sargento-mór João da Cruz Lisboa, e de sua mulher D. Eugenia Theresa.

Destinado por seus paes a entrar na carreira das letras, aprendeu com mestres particulares a grammatica e latinidade, e depois a philosophia nas aulas

(¹) Extrahida do artigo respectivo da *Bibliographie Universelle* de Michaud, tom. XI, pag. 375.

dos padres da congregação do Oratorio, creadas recentemente sob os auspicios d'el-rei D. João v. É mais que provavel que alli principiasse a distinguir-se por seu talento e amor ao estudo. Concluido o curso de humanidades, passou a matricular-se no de direito civil na universidade de Coimbra, isto pelos annos de 1747, quando contava dezeseis de edade. Cedo começaram a desenvolver-se no seu espirito o estro poetico e a paixão pelas musas, que o dominou, diga-se assim, a vida inteira; pois já do anno de 1750 apparecem d'elle dois sonetos, que com essa declaração achâmos encorporados no volume primeiro da collecção das suas poesias.

Formando-se na faculdade de leis em 1753, e trazendo informações de bom estudante, voltou para a casa paterna. O primeiro logar que obteve na magistratura foi o de juiz de fóra de Castello de Vide, derivando-se, talvez, da sua assistencia temporaria n'aquella villa, a erronea persuasão dos que d'ella o julgaram natural. Faltou-nos, porém, occasião de verificar qual foi precisamente o periodo em que alli exerceu o mencionado cargo.

O certo é que, antes ou depois d'esta nomeação, Diniz achava-se em Lisboa, dando á sua paixão favorita todo o tempo que podia furtar a outros estudos mais serios. Boa parte d'este era absorvido na leitura e meditação dos mais afamados jurisconsultos que souberam distinguir-se, quer nas theorias e interpretações do direito, quer na sua applicação á pratica do foro. Assim conseguiu tornar-se eminentemente versado nas sciencias juridicas, e com especialidade no direito patrio, em que, segundo o testimunho e affirmativa dos que o conheceram, deixou escriptos alguns tratados de grande momento, que infelizmente se extraviaram, por modo que não parece hoje provavel a sua recuperação. Ha memoria de que fôra tambem distincto genealogista; e que as suas decisões, quando consultado em pontos abstrusos e duvidosos d'esta intrincada sciencia, eram tidas em grande conta, e recebidas com respeito. Considerava, porém, a litteratura amena como uma diversão não só util, mas necessaria; ou antes como o correctivo indispensavel para suavisar até certo ponto a aridez dos estudos positivos; convencido sem duvida da verdade com que, dois seculos antes, o cantára outro nosso insigne magistrado-poeta, o sentencioso Ferreira:

> «Não fazem damno as Musas ós doctores,
> Antes ajuda ás suas letras dão;
> E com ellas merecem mais louvores,
> Que em tudo cabem, pera tudo são.»

Doutrinado, pois, na philologia, e já sufficientemente instruido no conhecimento das linguas antigas e modernas, Diniz tinha percorrido e *versava com mão diurna e nocturna* não só os classicos exemplares gregos e latinos, mas os modernos poetas italianos e francezes, que de mais perto se lhe aproximavam. Tinha sobre elles modelado o seu gosto, sem que todavia deixassem de ser-lhes familiares os que em Portugal floresceram no seculo dourado da nossa litteratura. Magoava-o em extremo o lastimoso aviltamento a que chegára entre nós a poesia, mórmente na primeira metade do seculo corrente, em que a imitação dos bons antigos fôra totalmente postergada, e levada de vencida, tendo de deixar livre o campo aos desvarios do gongorismo, e ás extravagancias do chamado cultenarismo, que ainda requintava, se é possivel, sobre aquelle. Conhecia a necessidade de uma reforma, e os seus vinte e seis annos lhe inspiravam forças e ousadia para a intentar.

Entre outros mancebos, com quem mantinha trato de amizade ou convivencia, havia dois antigos seus collegas nos estudos universitarios, ambos favorecidos das musas, e que partilhavam pouco mais ou menos as mesmas idéas de reforma. Com elles conferiu Diniz ácerca do modo como poderiam oppor um dique ás torrentes devastadoras do máo gosto, e recobrar para a poesia e eloquencia nacional o esplendor, desde tantos annos eclipsado na peninsula pela infeliz imitação dos sequazes de Gongora e de Marini.

Os amigos com quem praticou sobre este ponto chamavam-se Manoel Nicoláo Esteves Negrão, e Theotonio Gomes de Carvalho: um e outro se tornaram conspicuos pelo tempo adiante, em razão dos elevados cargos a que subiram na hierarchia civil. Ambos sobreviveram ao nosso poeta; vindo a fallecer o primeiro chanceller-mór do reino, e o segundo secretario da junta do commercio, e deputado do conselho ultramarino.

Concordes todos no mesmo pensamento, determinaram formar uma associação litteraria, para a qual se lhes offerecia modelo na celebre academia dos Arcades, erecta em Roma com similhante intento nos derradeiros annos do seculo findo. Diniz, como aquelle que mais tinha a peito este negocio, tomou a si a tarefa de organisar os estatutos que deviam reger a ideada sociedade; e com tal ardor metteu mãos á obra, que não mediaram muitos dias sem que apresentasse concluido o projecto de que se encarregára. Foi este pelos dois amigos examinado e discutido em commum; e, feitas as alterações e emendas que pareceram necessarias, sanccionado definitivamente. Trataram então de reforçar-se, aggregando a si alguns homens de letras, de merito já provado, e varios mancebos estudiosos, de cujas felizes disposições muito havia que esperar no futuro. Assim chegou a constituir-se a sociedade, que na fórma dos estatutos tomou a denominação de *Arcadia Ulyssiponense*, abrindo a sua primeira conferencia, com grande jubilo dos seus fundadores, no dia 19 de julho de 1757.

Os estatutos, compostos de um proemio e vinte capitulos, e datados de septembro de 1756, podem ler-se integralmente do *Jornal de Coimbra*, onde, passados mais de sessenta annos, vieram a publicar-se no vol. XVI, parte II, de pag. 131 até 146. Elles attestam o zelo e proficiencia de seu auctor; e merecem honrosa commemoração, até pela gloria que lhes coube de servirem, em parte, de norma aos que primeiramente adoptou a actual academia das sciencias ao inaugurar-se no anno de 1779.

Não é do nosso intento dar n'este logar a historia dos trabalhos da Arcadia, e menos interpor juizo sobre o modo por que ella desempenhou a sua missão. Remettemos os leitores, que desejarem luzes ácerca d'este assumpto, para a memoria de Trigoso, inserta no tom. VI, parte I, das da academia real das sciencias; — para a que d'esta extrahiu e additou o sr. M. J. M. Torres, *Panorama*, vol. IV, 1840, pag. 198 e seguintes; — e ultimamente para o estudo recentissimo do sr. Rebello da Silva, transcripto nos n.os 2, 3 e 4 dos *Annaes das Sciencias e Letras*, que actualmente se publicam sob a direcção da academia citada.

Com respeito ao proposito do presente escripto, cumpre-nos só registar os factos, e por isso apenas diremos que a Arcadia encetou os seus trabalhos com mostras de extraordinaria vitalidade. Quasi todos os seus membros como que á porfia se apresentaram animados dos mais ferverosos desejos de levar por diante o fim para que se haviam congregado. As conferencias amiudavam-se, e os arcades não concorriam a ellas com as mãos vasias. Numerosas foram as composições em prosa e verso que n'aquellas assembleas se recitaram durante os primeiros annos; das quaes uma boa parte chegou até nós, bem que dispersa, nas obras de Diniz, Garção, Quita, Figue-

redo e mais consocios, que gozaram do beneficio da imprensa.

O fundador Diniz por seu talento e actividade soube conservar n'estas palestras litterarias a supremacia devida ao engenho. Alli foram lidas e applaudidas as suas melhores odes e outras composições que em breve lhe grangearam fama de poeta egregio, e os respeitos de todos os seus contemporaneos. O proprio Garção, levando-lhe de avanço alguns annos de edade, e não sendo dos mais propensos á lisonja, nem por isso havia pejo de reconhecer e publicar a superioridade do collega, ao qual intitulava sempre — *o mestre Elpino* — declarando-o *inimitavel* nos seus vôos poeticos. Diniz pela sua parte era o primeiro a confessar que Garção o excedia na pureza da linguagem e na propriedade da elocução. — «Devo isso a meu pae (respondia-lhe aquelle); porque, em quanto fui pequeno, só queria que lesse o Vieira.»

A retirada de alguns socios, a morte de outros, e mais que tudo as desintelligencias e caprichos pessoaes, sempre inevitaveis nos corpos collectivos, haviam enfraquecido algum tanto o primitivo vigor da Arcadia. Esta proseguia comtudo nas suas reuniões, posto que já mais espaçadas e menos concorridas, quando no anno de 1764 recebeu um golpe, que quasi podêmos qualificar de mortal, com a forçada separação de Antonio Diniz, nomeado n'esse anno (segundo cremos) para ir exercer o logar de auditor no regimento chamado de Mexia, um dos que faziam a guarnição da praça d'Elvas.

Saudoso se despediu o poeta dos consocios e amigos, e partiu para o seu destino. Bem alheio, ao que parece, de pensar que lá se lhe depararia assumpto e inspiração para a obra que, no sentir de assisados criticos, tinha de formar no futuro o melhor florão da sua corôa poetica. Já se vê que nos referimos ao poema heroi-comico *O Hyssope*. Qual dos nossos leitores não tem lido e admirado esta bella producção da musa d'Elpino? Quem não ha tomado de cór os seus mais formosos trechos? Mas a historia e particularidades da sua composição são por certo menos sabidas, se não totalmente ignoradas; e por isso não se nos levará a mal que as historiemos aqui, do modo por que as achâmos consignadas em algumas memorias contemporaneas, que uma feliz casualidade trouxe ao nosso poder.

(Continúa).

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

O CEMITERIO.

Mortal, triste mansão! eu te saudo,
Oh! asilo final da humanidade!
Teu grave aspecto... esse aspecto mudo,
Na vida faz lembrar a eternidade!

Em silencio transpões os sec'los duros,
Vês em silencio, gerações findar!...
Dentro dos tristes e sombrios muros,
Só os phantasmas ousam voltejar.

Tenebrosa estação! quantos segredos
O teu luctuoso véo tem envolvidos!
Occultos por sinistros arvoredos
Teus mysterios jámais foram trahidos.

Inexoravel és ao pranto amargo,
Impassivel á dor, és surdo aos ais!
Nada te faz sair d'esse lethargo....
Zombando vaes dos miseros mortaes.

....

Estende já a noite o denso manto...
Trémulo, vejo um velho, á dor curvado;
De joelhos na campa.... absorto em pranto
«Filho! meu filho!...» exclama o desgraçado.

Além está a orphã desvalida,
Sobre a cova da mãe ajoelhada;
«Deus! oh Deus!» exclamou: «tirae-me a vida,
«Não me deixeis no mundo abandonada.»

De pé, á triste sombra d'um cypreste,
Um mancebo parou, de dor tranzido:
Sobre a campa desvaira, qual Oreste
Soluça o infeliz — «Quanto hei soffrido

«Quanto soffro, meu Deus! A minha amante,
«Aqui sem vida jaz.... sob esta lousa!!!...
«Não me queixo, senhor! mas n'este instante,
«Ao reino teu me leva onde repousa!»

....

Á infeliz, ao moço, ao triste velho,
Que respondes sem dó, sem piedade?
«Não blasfemes, mortal; curva o joelho,
«E respeita o poder da Divindade!»

Regoa abril de 1858.

J. C. MONTEIRO.

SALOIAS LAVADEIRAS. — A PARTIDA.

— Ah! ó primo Antonio, o tal senhor morgadinho ainda não dará hoje alguma côsa á conta....

— Então porque diz isso, prima?...

— Eu sei cá. A Maria demora-se tanto....

— Aquillo é que está ainda a dormir.

— Pois o diabo do home ha de estar ainda na cama! é perto de meio dia!

— Ora! vomêcê, sabe lá!... Estes fedalgos deitam-se tarde com'ós diabos... Andam lá p'l'as danças té que horas. Nada, o home paga d'esta vez, lá por isso fico eu... Pois elle não ha de ter vergonha da zaribanda que lhe dei da outra vez?... É verdade que cá na cedade não se repara para isso.

— O diabo seria o home, se a minha Maria não viu ainda d'aquelle palintra as cruzes ó dinheiro.

— É que n'esse caso, iamos lá pôrmos á porta, e em q'anto não pagasse pr'a li tudo com lingua de palmo, não nos vinhamos de lá embora.... Ó prima, vomêcê era capaz de m'acompanhar, pois não era?

— Olé se era! e capaz...!

Estas e outras considerações estava aquella velha, que o leitor alli vê no centro do quadro, a fazer com seu primo Antonio, cuja cabeça se vê por detraz do burro, quando o apparecimento de um vulto que apontava no fundo da rua, caminhando apressado, cortou a palavra á velha Josepha (era este o seu nome), e lhe fez abrir uns grandes olhos.

Era a suspirada Maria, que voltava da casa do tal morgadinho.

Depois de um momento, em que a velha abrindo muito os seus rasgados olhos, apurou ao mesmo tempo o ouvido, os dois personagens pareceram socegar um pouco.

É porque, como a rapariga vinha a correr, as suas grandes algibeiras oscillavam, e quando lhe batiam nas pernas teniam.

— Pagou? exclamou a velha Josepha, suspendendo a respiração, mal se aproximava a sua Maria.

— Ora pois não havia de pagar: tudo.

— Tudo!? Pagou tudo, Maria? Ah! Maria, acrescentou respirando largamente, tiras-te-me um nó que tinha aqui na garganta.

— Custou com'ó diabo. O alma de chixarro q'ria só pagar metade, mas eu cá é que não estive p'rá i virada. Poz-se-me cá com muita labia.... «Ah! senhor, escusa-me de estar cá com côsas que não seja pagar-me o que me deve, e tudo, tudo, que não estou p'ra cá voltar outra vez, a andar de Pilatos pr'a Hirodes e d'Hirodes pr'a Pilatos, ouviu? Ha de me dar hoje tudo quanto me deve, senão não me vou d'aqui embora, nem por q'antos santos ha.» O demonio q'ria conversar commigo.

— Dá cá, deixa ver se está certo, ou se te deu algum pataco falso, que o dinheiro d'aquella gente não é lá muito bom.... E vocês, olé! acrescentou a velha lavadeira olhando com arreganho para os outros filhos, uma rapariga e um rapaz que se vêem aos lados do quadro: toca, toca a amarrar essa roupa toda pr'a montar já, e ir-mo-nos embora.... Ouves, Joaquim? Leve-te o diabo, maldito, que nunca te fartas de dromir!... Eu te levanto a lazeira e te faço levar a riba com aquella vara!...

— An; an.... da cá, da cá, deixa ver se está certo ou se te deu algum pataco falso!... respondeu Maria



Saloias lavadeiras. — A partida. — Composição e desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Flora.

toda estimulada. Vomêcê, tambem, acrescentou, modificando-se e tomando o ar sentido de amuo, estáme sempre cá a fazer com penera nos olhos.... Está certo, está simsenhor, e não trago cá nenhum pataco falso.... An....

— O Maria, olha que t'ensino a rezar o padre nosso.... Deixa ver, Maria....

E Maria, encostando-se ao burro, porque estava muito cançada, metteu a mão na algibeira, e, voltando a cara para o lado, como fazem as crianças quando estão amuadas, começou a tirar os cobres, dizendo a cada porção que dava á sua desconfiada e impertinente mãe: — Ahi tem, veja.... veja....

Por ora ainda a velha Josepha conta o dinheiro, revê os patacos, e faz as suas contraprovas pelos dedos; mas d'aqui a alguns minutos irá já, com a sua melindrosa Maria, com o seu dorminhoco Joaquim, com o seu destemido primo, outra filha, e o seu burro, cujas orelhas arribitadas accusam bem o impaciente que está por se ver em casa, caminho d'aquella caravana, que no horisonte do quadro principia a sumir-se.

Deus permitta que voltem cedo, para socego e consolação dos freguezes, cuja roupa lhes não pesa muito no corpo.

NOGUEIRA DA SILVA.

OLHO POR OLHO, DENTE POR DENTE.

I.

A leitura do celebre processo de Clemencia Lafaille, no tempo de Luiz XIV de França, suscitou-nos ha pouco a lembrança de um successo contemporaneo, entre pessoas que conhecêmos, e que, se não terminou como o da esposa do presidente Boissieux, e do major de Garan, póde dizer-se que teve lances e peripecias parecidas ás dos amores e relações da filha do que fôra membro do parlamento de Tolosa, com o bravo official do regimento de La Fere.

O que vamos contar póde servir de exemplo e lição a muita gente, que não tem escrupulo moral em contrahir ou favorecer allianças matrimoniaes

meio violentadas. De vinte annos a esta parte, depois que se aboliram os mosteiros, e cessaram as profissões religiosas, os votos, forçados então pelos paes, tutores, ou superiores, que dentro das grades da clausura ficavam gemendo em perpetua pena, chorando a perda da liberdade, a que se não tinham resignado; transformaram-se em casamentos imprudentes, procurados por infaustos interesses, e concluidos por mais de um miseravel ardil, que a seu tempo não deixa de dar fructos envenenados, e poderoso contigente ao tão geral desequilibrio domestico com que se aggrava a já tão grave desharmonia social promovida por outras causas egualmente efficientes.

O que vamos contar é completamente historico. Conhecemos, tratámos mesmo com certa intimidade dois dos tres principaes personagens d'aquella tremenda tragedia, que se consummou sem ruido, e escapou ás vistas e commentarios dos moralistas, sem mais echos do que os de um coração amigo. Hoje que todos dormem o somno eterno, não nos accusa a consciencia de ir renovar-lhes as feridas, envergonhando estes, enraivecendo ou desesperando aquelles. A todos poupou já a morte estas novas provações. Nos braços frios, gelados, da inexoravel sacrificadora, descançam, em fim, os que mal podiam achar na vida resignação e tranquilidade.

Paz ao tumulo, e exemplo aos homens!

II.

Em dezembro 1849, depois de larga ausencia, regressei á patria, fatigado de incessantes incommodos, saudoso d'ella e dos amigos. Os parentes, que não esquecera jámais, tornei a vel-os e abraçal-os. Os companheiros da infancia e das aulas correram para mim, attrahidos por aquelle bom humor, que desde a mocidade fez toda a minha sciencia de introducção no mundo. Com um caracter similhante ao meu não é possivel crear resistencias fortes, nem antipathias mui pronunciadas. Conheci-o sempre praticamente. Aconselho o meu remedio a todos os que quizerem seguir estrada coimbrã.

D'aquella briosa e contemporanea phalange do lyceu, nem todos estavam alli: parte dispersára: muitos andavam pela America, alguns concluiam na universidade os seus cursos, outros seguiam em Paris a faculdade de medicina. Fallámos dos presentes, dos ausentes, da sorte de cada um, da esperança de todos. Mas n'esta escrupulosa revista, passada a physionomias gravadas n'alma com traços indeleveis, parecia faltar alguma, que não era das menos gratas. Procurei cuidadosamente na memoria, e achei.

— E Felix? (perguntei como sobresaltado á turba folgazã, que recordava, entre alegre e saudosa, um passado que não volveria mais).

Os que me ouviam olharam uns para os outros, como admirados. Pareciam interrogar-se, e combinar na resposta que dariam. Por alguns momentos nem a respiração quebrou o silencio. A feição da companhia mudára: a dor sujeitava todos. Um d'elles disse por fim:

— Felix.... esse.... morreu.... coitado!...

Não encarecerei o abalo que estas palavras produziram em mim. Julgavam-me informado já d'esta perda, e fulminaram-me, sem o quererem. A principio não comprehendi o que ouvia. Perdera rapidamente a memoria do sujeito, tanto me aterrava ter de acreditar aquelle successo. Que Felix seria? Até me parecia não conhecer nenhum homem d'este nome! Passada a indecisão e perplexidade, e realidade sujeitou-me a razão, e comprehendi tudo. Senti que uma lagrima solitaria me obscurecia a vista, e requeimava a face. Não soltei um gemido, não pronunciei uma palavra. Tinha paralysada a lingua, e varrido do espirito o conhecimento dos vocabulos. É que Felix fôra meu companheiro intimo nos sonhos da mocidade, e uma unica vida se repartia entre nossas duas almas.

O golpe que o coração acabava de padecer era profundo! Felizmente uma visita importuna veiu n'aquelle momento quebrar o silencio da dor, e obrigar-me a prestar attenção e seguir outra ordem de idéas.

III.

Poucos dias depois da penivel revelação da morte de Felix entrei no theatro para assistir a um concerto, dado com fim philantropico. Lançando da platea olhos para as damas que adornavam os camarotes, descobri n'um d'elles physionomias que me não eram desconhecidas. Entre ellas havia uma mulher bella e elegante, vestida de preto, e com certo ar de tristeza, que me fez viva impressão.

Quem era aquella mulher, que eu não podia reconhecer entre outros rostos, que logo á primeira vista me despertaram antigas lembranças? Jorge, o meu inseparavel Jorge, soccorreu promptamente a minha curiosidade.

— É Theresa (me disse elle em voz baixa, para que os visinhos o não ouvissem).

— Theresa?... Como está outra, mas sempre interessante! Agora comprehendo aquelle lucto e aquella tristeza. O que podia conservar-lhe a antiga alegria, e felicital-a na vida, guarda-o já o sepulchro! Deve julgar-se bem infeliz, não é assim?

— Infeliz.... duplicadamente infeliz!...

— Se a morte o não roubasse á sua ventura....

— Já antes da morte lh'o tinha roubado a mais hedionda das traições!

— Jorge!... será verdade?...

— Sim; é horrivel o drama que aquella melancholia e aquelle lucto escondem. Os sorrisos artificiaes que de quando em quando assomam aos labios dos que a rodeiam estão trahindo intimos remorsos. Debaixo d'aquellas galas todos os que alli vês penam longas agonias, e escutam inexoraveis maldições! A historia de tudo isto é um legado que me deixaram, e te deixaram. Deves sabel-a. Devo contar-t'a para cumprir um piedoso testamento. Agora não; mas combinaremos melhor hora para isso.

No resto da noite nem mais uma palavra a tal respeito, e pouquissimas mais trocámos ácêrca de cousas d'occasião. O espectaculo não pôde concitar a minha attenção. Ainda hoje ignoro de que constou. Não pude retirar a attenção d'aquelle camarote, que encerrava tantos mysterios. Toda a minha vista estava dependurada dos olhos da infeliz Theresa. As ultimas palavras de Jorge, que eu não comprehendia bem, penalisavam-me. Em vão procurava ler, ou advinhar no rosto da infeliz, a historia que, por mais de uma razão, por mais de um titulo, me interessava tão de perto.

No fim do espectaculo, os olhos de Theresa, quasi sempre immoveis, cairam furtivamente sobre mim. As mudanças que o tempo e a ausencia tinham feito no meu rosto perece que não eram capitaes, porque logo me reconheceu. Baixou rapidamente os olhos, e empallideceu mais. Coitada! Que de idéas associadas lhe não teriam n'aquelle momento invadido o espirito!

Quando o concerto acabou fui esperal-a no salão d'entrada, para a ver de mais perto. Embalde! Aquella esbelta figura passou por diante de mim como um relampago: aquella elegante cabeça e aquelle rosto insinuante iam litteralmente occultos n'um grande capuz de setim branco, da parte posterior do qual pendia uma farta borla de floco azul. Pareceu-me sentir soluços quando Theresa passava diante de mim. D'um pulo saltou na carruagem, e desappareceu.

IV.

Mas quem era Theresa? perguntaria com razão o curioso que tivesse tido a paciencia de ler as linhas que precedem.

Dil-o-hei, que o meu fim não é outro senão contar a historia d'essa mulher. Começarei pela parte que nos é commum, para dar a razão do interesse que sempre tomei na sua sorte.

Nunca conheci o pae de Theresa. Era filha de uma respeitavel senhora viuva. Tinha um unico irmão, Augusto, mais moço alguma cousa do que ella. Nenhum d'elles chegára a conhecer o auctor de seus dias. Ambos eram ricos herdeiros, que a fortuna de dia em dia parecia engrandecer mais.

Augusto foi por muitos annos meu companheiro de collegio. Eramos amigos. Nos dias de sueto, ás quintas-feiras sobretudo, saíamos juntos, e passavamos o dia em casa de sua mãe, associando Theresa aos nossos innocentes passatempos. Ora disputavamos em commum, quem mais estancias papaguearia de côr e sem tomar folego dos *Lusiadas;* ora íamos para um grande torreão deshabitado, contiguo á casa, onde livremente calcavamos aos pulos e saltos mortaes as camas das criadas ou a dos hospedes, que então estavam devoluto. Uma vezes tomavamos por empreitada catar os caracoes que accommettiam as grandes e formosas roseiras do Japão, que havia no jardim, fazendo assim jus a boas consoadas de doce, que a dona da casa nos mandava distribuir liberal e carinhosamente; outras passavamos por uma porta interior do quintal para a cavallariça, e trepavamos a duas bellas e mansas eguas hanoverianas, que estavam prêsas á mangedoura, e sobre as quaes faziamos mil exercicios de supposta equitação. Ás vezes, depois do jantar, saíamos todos a passear de carruagem; e no tempo em que

«Ceres o fructo deixa aos lavradores»

íamos para um campo não mui distante, obstinando-nos em tomar gostosa parte nas debulhas dos trigos, sentados sobre trilhos puxados a bois, por um sol que torrava, zombando de todas as precauções. Assim vivemos tão intimamente ligados na infancia; e assim contrahimos o mutuo interesse que mais tarde tomámos pelos nossos communs destinos.

Com o tempo fomos crescendo em corpo e edade. Theresa desenvolveu-se mais cedo: quasi d'improviso fez-se senhora, e começou, não a fugir da nossa companhia, mas a menosprezar os nossos divertimentos. Preferia acercar-se a uma das mais elevadas janellas do torreão, e não tirar os olhos d'outra torre, que ficava a pouca distancia. A seu tempo soube o porquê d'aquella mudança. Da torre, quasi fronteira, fazia diariamente observatorio um joven condiscipulo nosso, Felix, que começava a *cantar cousas mais altas*, e mesmo de longe tinha podido testimunhar a Theresa a sua affeição, e merecer-lhe sympathia. Eram duas crianças apaixonadas; mas crianças teimosas, que não afrouxaram nunca, e foram até ao fim de admiravel e tragica constancia.

Mais tarde vim a participar das confidencias d'uma e d'outro. Amavam-se devéras. Era uma paixão em flor, mas irresistivel. Das contemplações passaram ás cartas, das cartas a colloquios apaixonados. O vinculo que unia aquellas almas de dezeseis annos era já indissoluvel. Theresa estava a acabar uma educação aprimorada: Felix devia continuar a sua em Coimbra, até obter um titulo litterario, que, junto á boa legitima que tinha, podesse dar mais relêvo á sua independencia, para tratar sem embaraços da sua união. Combinaram-no entre si, e tiveram, coitados! a coragem de encarar com resignação ausencias tão prolongadas como as que os esperavam!

Felix partiu. Theresa chorou muito, e parecia inconsolavel. As primeiras noticias que lhe vieram de Coimbra começaram a ser lenitivo á sua dor. D'alli por diante aquella correspondencia foi todo o seu enlevo e conforto.

Assim passou o primeiro anno. Vieram as ferias grandes; regressou Felix, avivaram-se todas as esperanças, redrobou a antiga coragem. Novos colloquios, novos extasis, novos protestos, novos juramentos! Torna outubro: novas magoas, novos soluços, novas despedidas!

O que até aqui disse soube-o pelas confidencias do proprio Felix. A esse tempo separámo-nos, e eu saí da patria. O mais que vou contar agora vem de revelações d'amigos depois do meu regresso.

(Continúa).

QUATRO HOMENS CELEBRES DA ANTIGUIDADE

LYSIPPO E HIPPOCRATES.

A gravuva representa o desenho de quatro medalhas antigas recentemente descobertas. Figura a primeira o retrato de Lysippo, a segunda o de Hippocrates, a terceira o de Homero, e a quarta o de Lycurgo.

Tracemos um rapido esboço biographico d'estes personagens.

Lysippo. — É um dos vultos mais proeminentes que apparecem na historia da arte grega. Foi clarão que illuminou o periodo mais brilhante que a esculptura teve, esse periodo que Phidias inaugurou com a primeira gloria do seu cinzel. e que Praxiteles, mais tarde, ornamentou com os relêvos inimitaveis do seu admiravel engenho. Lysippo é um d'esses nomes, cuja significação attesta ao mundo o poder exclusivo do genio.

Como quasi todas as grandes intelligencias, como quasi todas as vocações excepcionaes, como a maior parte dos homens que tem dominado o coração e a alma da humanidade, quer pelo cinzel, quer pela penna, pela palavra ou pelo pincel, Lysippo voou de per si. Compenetrou os profundos e privilegiados segredos da arte sem iniciador. Elle e a arte fallaram-se e confidenciaram-se directamente. A mão do mestre não careceu de guiar a sua nos magicos contornos que despertaram o cinzel de Praxiteles. Subiu por si só ao Capitolio, e a propria arte lhe coroou a fronte com os louros do triumpho.

Lysippo foi serralheiro, ou, como outros querem, ourives, antes de ser esculptor, e trabalhava ainda em qualquer d'essas artes, em que passou a mocidade, quando, maravilhado pelas graciosas fórmas de uma das mais perfeitas estatuas de Polycleto, o *Doryphoro*, ou *porta-lança*, se lembrou de trocar a lima pelo cinzel. Brilhavam então por esse tempo Silanion e outros. Como para poder certificar-se de que o brado que, ao contemplar essa magnifica estatua, sentiu pela alma, não era filho da loucura, copiou o *Doryphoro*. O exito correspondeu á facilidade da convicção e ao ardor do desejo. A copia excedeu o original. Permittindo-se-nos a expressão, Lysippo achou-se. O fogo do seu genio, que circunstancias sociaes tinham conservado latente, manifestou-se desde logo, e assim como ao romper do sol, amortece e desapparece o brilho das estrellas, assim, ao reflexo das suas chammas, offuscaram-se as glorias militantes. Pouco depois, o povo contemplava as suas obras com os extasis que só o sublime e os prodigios criam e desenvolvem, a Grecia toda proclamava Lysippo como o primeiro esculptor do seu tempo, e as proprias maravilhas que Phidias tinha com a magestade do seu estilo mais amplamente rasgado, perdiam muito do seu prestigio.

Foi grande o numero das estatuas que Lysippo

esculpiu. Ha noticia de mais de seiscentas, entre as quaes se apontam como primores inimitaveis a de Alexandre o Grande, o Apollo de Tarento, que tinha quarenta pés d'altura; um homem saindo do banho; Socrates, e os vinte e cinco cavalleiros de Alexandre. Era tal a admiração e a estima que se nutria por estas estatuas, que, no tempo de Augusto, se vendiam pelo seu peso em ouro. Este facto attestam-no os escriptores contemporaneos d'este monarcha.

Lysippo animou com o fogo do seu engenho muitos dos seus discipulos. Taes foram Dameas, Phœnix, Eutychide, Chares, auctor do colosso de Rhodes, e seus filhos Enthycrates, Dahippe, Xenocrates, auctor de um tratado de esculptura, e Beda; os quaes todos conservaram as perfeições a que o seu inspirado mestre tinha elevado a arte da esculptura, até á epocha em que Praxiteles veiu temperar o calor do estilo heroico de Lysippo com a sympathica amenidade do seu cinzel.

Ignora-se a epocha do seu nascimento, bem como a da sua morte. Sabe-se que foi contemporaneo de Alexandre o Grande, de quem foi muito estimado, a ponto d'este não permittir que outro esculptor modelasse a sua estatua.

HIPPOCRATES. — Hippocrates pertence á cathegoria dos primeiros homens que tiveram a infeliz idéa de curar as enfermidades physicas da humanidade. Foi medico-fundador.

Ás lições que recebeu de Nébrus, seu avô, e á leitura das *taboletas* (1) expostas nos templos dos deuses, deveu Hippocrates o seu alto saber, do qual se contam mil maravilhas. Entre estas, figura, como principal, o completo e rapido desapparecimento, pelos modos, d'um dia para o outro, da horrivel peste que flagellava os athenienses no começo da guerra do Peloponeso. A historia e as tradições não dizem como elle fez isto; mas o caso é que o fez, porque, se o não fizesse, não teria, por certo, recebido, a titulo de recompensa por tão importante serviço, uma coroa d'ouro, os direitos de cidadão d'Athenas, e a iniciação nos profundos mysterios de Eleusis.

Prezando unicamente a sabedoria e as virtudes, como quasi todos os grandes homens que tiveram a fortuna de nascer 460 annos antes de Christo, Hippocrates desprezava as honras e as riquezas. Diz-se que tendo-o Artaxerxes, rei da Persia, convidado a ir para a sua corte, promettendo-lhe muitos premios e honrarias, elle se recusára, dando ao monarcha esta incisiva e patriotica resposta: « Nasci para servir os meus concidadãos, e não os estrangeiros. »



Quatro homens celebres da antiguidade

Hippocrates observava com profunda reflexão e minuciosidade todos os symptomas, progressos e alterações de cada doença, experimentando ao mesmo tempo sobre o corpo humano; d'onde se vê que o methodo de *curar* por meio d'*experiencias*, que os medicos d'agora usam, já lá vem de traz. Do fructo, porém, de tantas observações, a melhor applicação guardou elle para si, porque foi por esse estudo que o celebre velho de Cós regulou e formulou a hygiene da sua vida, alcançando, assim, chegar até aos 99, ou, segundo outros, 109 annos, edade em que deu a sua alma a Apollo, são de corpo e de espirito, dizem as chronicas, circunstancias que se não deram nos seus clientes.

Hippocrates escreveu muitas obras, das quaes resta, apenas, um limitado numero, fatalidade que não seria para lamentar muito, se n'esse limitado numero houvesse escapado, ao menos, aquella onde elle, provavelmente, declarava o modo por que tinha feito desapparecer a horrivel peste d'entre os athenienses. Receberiamos hoje a cholera e a febre amarella como o fallecido leão do conde de Farrobo recebeu um endiabrado lobo que lhe metteram na gaiola, esmagando-as com um unico aperto. Mas é que não escapou, e as consequencias de tão lastimado desastre temol-as nós soffrido, deixando-nos ceifar impunemente.

Bem diz o rifão: « Guardado está o boccado para quem o ha de comer. » Aquelle estava para os athenienses que o engoliram todo.

Hippocrates nasceu na ilha de Cós, 460 annos antes de J. C.

N'um dos seguintes numeros daremos as biographias de Homero e de Licurgo, e um breve resumo da influencia que o notavel systema social d'este ultimo, a que um nosso particular amigo e distincto escriptor, José de Torres, espirituosamente chama *systema de caldeirão*, exerceu sobre as doutrinas dos communistas modernos.

NOGUEIRA DA SILVA.

Explicação do enigma do numero antecedente

O povo é pouco delicado, mas sempre sincero.

(1) Aonde todo o individuo era obrigado a escrever uma descripção das suas doenças e meios curativos de que tinha feito uso.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B.